



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CAMPUS IV-
LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SILVANIA DA SILVA TAVARES

O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS SURDOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE- PB.

Mamanguape, PB
2025

SILVANIA DA SILVA TAVARES

**O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE- PB.
2025**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da UFPB, como pré-requisito parcial para a Conclusão do Curso de Graduação, sob a orientação da professora **Dra. Sônia Maria Cândido da Silva.**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

T231p Tavares, Sylvania da Silva.

O processo de inclusão escolar de alunos surdos do ensino fundamental no município de Mamanguape - PB / Sylvania da Silva Tavares. - Mamanguape, 2025.
58 f. : il.

Orientação: Sônia Maria Cândido da Silva. TCC
(Graduação) - UFPB/CCA.

1. Educação inclusiva. 2. Alunos surdos. 3. Atividades propostas. 4. Prática docente. I. Silva, Sônia Maria Cândido da. II. Título.

UFPB/CCA

CDU 376(813.3)

SILVANIA DA SILVA TAVARES

O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS SURDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICIPIO DE MAMANGUAPE- PB.

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia, apresentado ao Curso de Pedagogia do Campus IV da UFPB. Como parte de requisito para a obtenção do título de graduação em Pedagogia.

Prof. Dra. Sônia Maria Cândido da Silva
Documento assinado digitalmente
 **SONIA MARIA CANDIDO DA SILVA**
Data: 12/05/2025 12:46:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Sônia Maria Cândido da Silva- UFPB- Orientadora

 Documento assinado digitalmente
ALINE CLEIDE BATISTA
Data: 28/05/2025 15:48:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Aline Cleide Batista – UFPB- Examinadora I

 Documento assinado digitalmente
EDNEIA DE OLIVEIRA ALVES
Data: 27/05/2025 18:54:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Edneia de Oliveira Alves- Examinadora II

AGRADECIMENTOS

Agradeço de modo especial a DEUS que me permitiu alcançar mais um objetivo em minha vida, que me sustentou e deu a inteligência para poder realizar este trabalho e me deu forças nos momentos mais difíceis que enfrentei nesta caminhada acadêmica.

Não poderia deixar de agradecer ao meu esposo, que me acompanhou, incentivou desde o início deste curso, do namoro ao noivado, do noivado ao casamento. Foi um amigo e companheiro em todos os momentos que passei, sempre junto a mim, me apoiando.

Agradeço imensamente à minha Mãe, que sempre esteve ao meu lado, incentivou, aconselhou a seguir o melhor caminho, se não fosse por ela, não estaria neste mundo para realizar um dos maiores sonhos de minha vida. E ela, claro, que me espelhou muito a seguir o mesmo caminho que ela, ser professora e ser uma semente que possa transformar um pouquinho o espaço onde serei plantada.

Aos meus irmãos, que sempre estiveram ao meu lado para ouvir meus desabafos e, juntos, termos momentos de descontração, alegrias e aliviar o meu fardo. São meus amigos verdadeiros.

“Compreendi que, sem o **amor**, todas as obras são **nada**, mesmo as mais brilhantes.”

Santa Terezinha do Menino Jesus

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem o objetivo investigar quais as práticas escolares de ensino são ofertadas aos alunos surdos dos anos iniciais do Ensino Fundamental com foco no Município de Mamanguape- PB, tendo em vista os desafios com os quais os professores se deparam no âmbito da educação inclusiva. Para este fim, optou-se por utilizar uma pesquisa de campo de base qualitativa. Como instrumentos de coleta de dados: um questionário estruturado, realizado com o gestor, professor e intérprete. Para tal, recorreu-se de algumas perguntas norteadoras, um descritivo relato de experiência das escolas em foco da pesquisa.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Alunos surdos. Atividades Propostas e Prática Docente.

ABSTRACT

This course completion work aims to investigate which school practices are offered to deaf students in the initial years of Elementary School with a focus on the Municipality of Mamanguape-PB, taking into account the challenges that teachers face in the scope of inclusive education. For this purpose, it was decided to use qualitative field research. The data collection instruments used were a structured questionnaire, carried out with the manager, teacher and interpreter. To this end, some guiding questions were used, as well as a descriptive report of the experience of the schools in question.

Keywords: Inclusive Education. Deaf Students. Proposed Activities and Teaching Practice

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE- Atendimento Educacional Especializado

INES- Instituto Nacional de Educação de Surdos

LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

PROLICEN- Programa de Licenciaturas

EJA- Educação de Jovens e Adultos

PB- Paraíba

CAC- caderno de Atividades

UFPB- Universidade Federal da Paraíba

FUNAD- Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com deficiência

EAD- Educação a Distância

MEC- Ministério de Educação

CONSEPE- Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão

SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS	16
2.1 Espaços Formativos de Professores para Educação de Surdos.....	20
2.2 História da Educação de Surdos em Mamanguape-PB	24
3. DADOS COLETADOS SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DOS ALUNOS SURDOS DAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE-PB	28
3.1. Análise das Práticas Escolares dos Alunos Surdos das Escolas do Município de Mamanguape- PB.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	
APÊNDICES.....	

**O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNO SURDOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE-PB
2025**

1 INTRODUÇÃO

A proposta de trabalho tem como objetivo geral investigar o processo de inclusão escolar, dos alunos surdos das escolas do município de Mamanguape-PB, por meio das práticas escolares. Tomamos como campo de investigação as escolas: EMEF Comunidade da Pedra, EMEF Maria Cléa Bezerra, EMEF Miguel Thomaz e EMEF Adailton Coelho Costa, situadas na cidade de Mamanguape, sendo três escolas da área urbana e 1 sendo de área rural. Como objetivos específicos, pretendemos: 1) investigar, 2) descrever como se dá o processo de inclusão escolar dos alunos surdos das escolas, 3) analisar as práticas escolares a serem coletadas.

A pesquisa foi desenvolvida em dois momentos. No primeiro momento, foi a pesquisa de campo com a participação de gestores, docentes e intérpretes das escolas municipais citadas anteriormente: EMEF Adailton Coelho Costa, EMEF Cléa Maria Bezerra, EMEF Miguel Thomas Soares e EMEF Comunidade da Pedra, usando questionário com questões abertas onde foram obtidas muitas informações que incrementaram esta pesquisa. No segundo momento, foi a pesquisa bibliográfica sobre o tema: Práticas Escolares de Ensino para Alunos Surdos do Ensino Fundamental No Município de Mamanguape-PB, para em seguida analisar com autores que deram subsídios necessários para melhor conhecer o tema.

A escolha pela temática partiu por meio da minha vivência de trabalho prestado como cuidadora e professora de sala de recurso (na sala não atendia alunos surdos por não saber a Libras, e, esse ponto me fez ter a curiosidade e buscar saber um pouco da realidade que os alunos surdos enfrentavam nas salas regulares), por perceber que é preciso conhecimento e um olhar cuidadoso e reflexivo na área da inclusão de alunos surdos. Enquanto Pedagoga, precisava conhecer a temática para melhorar meu conhecimento que até então era distante.

As propostas de atividades escolar para as crianças surdas presentes na sala regular, permite aos envolvidos a busca pelo conhecimento e assim entenderem que a deficiência não pode limitar os alunos surdos a terem o direito de obterem

o conhecimento e aprendizado. Claro que as atividades, não serão como as do demais alunos ouvintes por conta de suas especificidades, mas, o aluno poderá aprender e assim ser incluído nas atividades com algumas adaptações que serão necessárias para seu processo de ensino/aprendizado.

A inclusão é um gesto que vem aproximar a todos, de modo que as crianças devem ser inclusas neste processo de educação e de ensino/aprendizagem no ambiente escolar; em pouco tempo atuando na área da Educação Especial e Inclusiva, pude refletir o quanto esses alunos surdos são importantes no processo social e educacional e o quanto a diversidade ensina a todos. Por esse motivo, há todo interesse em aprofundar, discutir e explicar o tema.

Ao ter acesso a escola visitada vê-se uma grande dificuldade por parte da criança surdas ao ingressar na escola e dos profissionais de atender estas crianças na sala de aula, tal fato pode-se dizer que se dá principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, conseqüente de diversos fatores, aponto aqui no caso das crianças e os educadores; enquanto as limitações pessoais, a falta de qualificação adequada dos professores e profissionais envolvidos, defasagem na infraestrutura escolar, entre outros.

Para a maioria dos educadores, a educação inclusiva se resume apenas ao fato de incluir todos os alunos num só espaço, independente das diferenças que existam entre eles. A educação vai muito além disso, a educação inclusiva é um processo para a socialização entre as pessoas cuja as diferenças sejam compreendidas como um estado natural.

Nesse estudo, há preocupação de resgatar este debate pedagógico, com o objetivo de discutir o desenvolvimento da Educação Especial na perspectiva inclusiva para surdos no âmbito escolar, com foco em analisar as propostas de atividades para os alunos surdos das escolas Municipais do Ensino Fundamental da cidade de Mamanguape-PB. Com base nessa proposta é que se justifica o presente trabalho de pesquisa.

Depois de obter as respostas dos questionários, presenciar algumas aulas e observar as dificuldades ao preparar a adaptação de atividades, observa-se que apesar da Educação Especial não ter atingido o nível de desenvolvimento desejado, a cada dia que passa, vem ocupando seu espaço de forma gradativa na cidade de Mamanguape-PB.

Nesse aspecto, justifica a importância de novos debates e discussões sobre esta temática para avançar rumo aos índices inclusivos desejados por todos.

Ao discutirmos a Educação Especial no âmbito escolar e de modo específico as propostas de atividades para os alunos surdos, buscaremos saber de que maneira os alunos são atendidos e ensinados por meio das atividades em sala de aula regular, quando o foco é o aluno surdo.

Então, estar-se-á centrando o presente estudo investigatório na perspectiva da presença da Educação Especial nas escolas municipais, promovendo a amplitude do ensino-aprendizagem para todos aqueles que necessitam de educação diferenciada. Desse modo, o objetivo geral desse estudo é investigar O Processo de Inclusão Escolar de Alunos Surdos do Ensino Fundamental no Município de Mamanguape-PB, por meio das práticas escolares.

O desdobramento desse objetivo maior delineou a possibilidade de descrever o desenvolvimento pedagógico da Educação Especial, principalmente daquela voltada para o atendimento dos alunos surdos; conhecer os pressupostos teórico-prático do processo de aprendizagem do aluno surdo.

Iniciou-se a presente pesquisa com o levantamento do quantitativo de escolas que tinha aluno com deficiência auditiva matriculado na rede municipal do ensino da cidade de Mamanguape-PB. O levantamento foi feito por uma conversa com a coordenadora da Educação Especial Inclusiva, para em seguida, por em prática a coleta de informações que encontraríamos nas escolas. Isso permitiu, a flexibilidade da busca das escolas para a coleta da pesquisa de campo.

Posteriormente, foi realizada a pesquisa de campo para por em prática a coleta de informações com: gestores, professores e intérpretes. A coleta de informações foi feita por meio de questionários e, em seguida, tivemos dias de observação do ambiente escolar e aulas na sala onde o aluno com deficiência auditiva estudava.

Para a realização da pesquisa, foi feito um amplo levantamento bibliográfico sobre o ensino de surdos no Brasil, as informações foram coletadas em artigos, dissertações e autores publicados na web. Também foram coletadas informações em livros de diversas editoras, as quais estarão na referência bibliográfica.

Em seguida, o conjunto de informações colhidas a partir das respostas dos questionários delineados pela amostra. O questionário aplicado aos gestores continha 05 questões que faziam indagações sobre as características da escola e da visão como gestor sobre a inclusão de alunos com surdez. Já o questionário aplicado aos professores continha 04 questões que indagavam sobre as propostas de

atividades preparadas para o aluno com surdez e o processo de desenvolvimento de aprendizagem e, por último, um relato das intérpretes, nesse relato, trouxeram falas de suas experiências de acordo com as propostas de ensino.

A pesquisa teve como campo de atuação quatro escolas, da cidade de Mamanguape-PB, localizadas em bairro diferentes (03 da zona urbana e 01 na zona rural), todas as escolas são do município da cidade de Mamanguape-PB.

Os sujeitos envolvidos são os profissionais que atuam nas escolas onde forma feitas a pesquisa de campo, com: os gestores, professores e intérpretes.

2 ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Segundo Morli e Sander (2015), Dom Pedro II se destaca na história dos surdos, pois, no Brasil, a educação de surdos começou a ser pensada no ano de 1855, com a vinda de um professor surdo francês, Hernest Huet, trazido pelo Imperador D. Pedro II. O interesse de D. Pedro II ter trazido ao Brasil o professor francês, pelo fato desse ter um neto surdo. Por meio dessa ligação entre D. Pedro II e o professor francês dois anos depois, no ano de 1857, Huet fundou, no Rio de Janeiro, o “Imperial Instituto de Surdos Mudos”, atualmente conhecido como “Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)” uma das principais referências de escolas bilingues para surdos.

O objetivo de tal convite beneficiou não apenas D. Pedro II, mas o Brasil, com a fundação da primeira escola para surdos no dia 26 de setembro do ano 1857. Ele servia também como um asilo para meninos surdos de todo o Brasil.

Relata Strobel (2008) que o professor francês teve muita dificuldade em ensinar os alunos surdos na época, pois as famílias não o reconheciam como cidadão brasileiro e, de certo modo, não confiavam em seu trabalho pedagógico para a evolução de seus filhos.

No seu percurso de quase dois séculos, o Instituto respondeu por outras denominações, sendo que a mudança mais significativa se deu no ano de 1957, quando da substituição da palavra "mudo" pela palavra "educação". Essa mudança refletia o ideário de modernização da década de 1950, no Brasil. E assim o instituto e suas discussões sobre educação de surdos, também estava inscrito.

Por ser a única instituição de educação de pessoas surdas em território brasileiro e, mesmo em países vizinhos, por muito tempo, o INES recebeu estudantes de todo o Brasil e do exterior, tornando-se referência para os assuntos da educação, profissionalização e socialização de sujeitos surdos. Nesse processo de educação, os alunos surdos praticavam a Língua de sinais, com uma forte influência francesa, em função da nacionalidade do professor Huet. O instituto oferecia, além da instrução literária, o ensino profissionalizante, a conclusão dos estudos estava condicionada à aprendizagem de um ofício, cada aluno frequentava, de acordo com suas habilidades.

De acordo com esses embasamentos, observamos que todo o processo é evolução para chegarmos ao conhecimento da surdez, a aceitação da sociedade e a inserção das pessoas surdas ao estudo e ambiente escolar. Sendo vistos como cidadãos com capacidades de adquirir conhecimentos e exercer uma vida profissional. A partir do interesse de D. Pedro II, a ter trazido o professor francês ao Brasil gerou o surgimento e o conhecimento da comunidade surda e a visibilidade de suas capacidades que precisariam ser desenvolvidas para os mesmos e sociedade.

Como citado anteriormente, por meio desta ligação foi fundado no Rio de Janeiro o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), sendo um centro de referência nacional na área da surdez, exercendo os papéis de contribuir para a formação de políticas públicas e de apoiar sua efetivação pelas esferas subnacionais de governo.

Como o Instituto de educação atende estudantes desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, além de dar apoio à pesquisa de novas metodologias a serem aplicadas no ensino da pessoa surda e além do mais o instituto ainda ajuda a inserir o cidadão surdo no mercado de trabalho por meio de ensino profissionalizante e estágios.

Sabemos que a sociedade sempre definiu as identidades como "normais" e "anormais", causando uma opressão de determinados grupos em benefícios de outros. Nesse sentido, a surdez foi definida socialmente como deficiência, historicamente marcada por um viés patológico. De acordo com Skiliar (2009, p,112) estudioso da área da surdez, diz:

O fato de não ouvir gerou durante décadas parcelas significativas de obstáculos as pessoas surdas, fermentando sua exclusão enquanto sujeito de direitos, tendo em vista as definições e práticas que não as reconheciam para além da surdez.

Atualmente, isso ainda vem acontecendo, vários obstáculos estão presentes no ambiente escolar práticas escolares que ainda não reconhecem a comunidade surda. Muito se tem discutido sobre as propostas em torno da

inclusão escolar no Brasil. A escolarização dos estudantes surdos tem apresentado algumas especificidades que necessitam de um olhar mais direcionado, tendo em vista seus aspectos culturais, identitários e, sobretudo, linguístico. A esse respeito, a legislação brasileira vem assegurando a matrícula desses estudantes na rede regular de ensino, como também a garantia dos serviços do Atendimento Educacional Especializado (AEE), profissionais intérpretes/tradutores de Libras e professores de Libras. Mas, ainda é controverso, entre alguns profissionais que atuam com estudantes surdos, o fato de uma compreensão da oferta de uma escolarização que respeite as diferenças desses estudantes.

Como sabemos, respeitar as diferenças no ambiente escolar não exige apenas adaptações, mas se faz necessário com os estudantes surdos, práticas educacionais que incluam esses sujeitos em diferentes contextos educativos.

É possível desenvolver práticas que incluam esses sujeitos em diferentes contextos (escola e sociedade), para que haja o desenvolvimento de suas habilidades comunicacionais, entre a libras e a língua portuguesa de forma natural.

Ainda que, a legislação nacional recomende os direitos educacionais dos estudantes surdos, ainda não é possível afirmar que sua implementação vem sendo efetivada em todo território brasileiro, como já estabelecido no Decreto nº 5.626/05, que regulamenta a Lei de Libras nº 10. 436/02; no Plano Nacional na Lei nº 14.191, de 2021, que insere a educação bilíngue de surdos na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB- Lei nº 9. 394, de 1996).

Com base nesses apontamentos, traz um olhar crítico reflexivo frente à educação de surdos, entendendo que a Libras não pode ser vista como uma única solução para as barreiras educacionais enfrentadas pelos estudantes e os professores no espaço escolar.

Com a presença cada vez maior dos estudantes público-alvo da educação especial em sala regular, a qualificação básica é fundamental para garantir inclusão e qualidade na aprendizagem. Observemos o gráfico abaixo:



Fonte: Painel de indicadores da Educação Especial. Diversa, 2025. Disponível em: <https://diversa.org.br>. Acesso em: 20 mar. 2025.

Observamos que os dados são preocupantes e mostram um trabalho pedagógico com pouca oportunidade de reflexão, que pode, inclusive, ancorar práticas excludentes. Se a comunidade escolar, e de modo específico, os professores, não conseguem dar continuidade à sua formação, deste modo vai ser formado um abismo entre as demandas cotidianas da escola e as ações propostas.

O professor precisa buscar constantemente o sentido e ressignificação da sua prática. A busca pela formação continuada em educação especial, traz capacitação, fermentação e reflexão sobre sua atual forma de ensino. Sem essa busca, é perceptível as dificuldades que os professores encontram de ensinar, acolher e incentivar os alunos com deficiência e em especial os surdos.

Os itens apontados no gráfico mostram as realidades de muitas escolas no Brasil. Primeiro o grande número de estudantes público-alvo e que a cada ano cresce cada vez mais; segundo professores regentes que há baixa busca para formação continuada sobre educação especial e terceiros professores do AEE que em 2012 tinha uma porcentagem de 49,2% e em 2022 esse número cai para 44,3%. Notamos que pode-se haver dois pontos fortes para o congelamento à procura de formação continuada na educação especial; um deles é a falta de recurso para o professor trabalhar com os alunos surdos como: materiais estruturados, tecnologia assistiva e jogos pedagógicos adaptados e o outro ponto a falta de investimento para a atuação deles como: capacitações, treinamento, melhores condições de trabalho e remuneração.

No caso do campo específico de interesse da pesquisa apresentamos abaixo:

2.1 ESPAÇOS FORMATIVOS DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO DE SURDOS NA PARAÍBA

Como visto anteriormente no capítulo 2 A Organização da Educação de Surdos, marcada por um processo gradual de evolução e luta por seus direitos e na Paraíba não foi diferente. A luta pela Educação de Surdos na Paraíba, é um processo contínuo, com a necessidade de garantir o acesso a educação de qualidade e o respeito a cultura e identidade das comunidades surdas.

Nesse tópico: Espaços Formativos de Professores para Educação de Surdos na Paraíba, iremos apontar duas instituições onde acontece e pensam e realizam ações para a Educação dos Surdos na Paraíba, apresentaremos abaixo:

Segundo a Universidade Federal da Paraíba (2018):

1ª Instituição- Universidade Federal da Paraíba (UFPB, campus IV), sua implantação no Litoral Norte foi no ano de 2005 e no ano de 2006 o MEC aprovou o projeto da UFPB. A partir da resolução nº 01/2018 do CONSEPE, do dia 02 de fevereiro de 2018, o Departamento de Línguas de Sinais foi criado. Atualmente no campus IV a disciplina de Libras é oferecida a todos os 11 cursos: incluindo bacharelados em administração, Sistemas de Informação, Ecologia, Design, Antropologia, Ciências Contábeis e Secretariado Executivo Bilingue, e licenciaturas em Ciência da Computação, Matemática, Pedagogia e Letras.

A inclusão de pessoas surdas no convívio escolar e social tem sido incentivada por diversas ações de extensão universitária. Um exemplo disso é o projeto “LIBRAS em todas as mãos”, desenvolvido no Campus IV da Universidade Federal da Paraíba, no Vale do Mamanguape, sob coordenação da professora Walquíria Nascimento. A iniciativa visa criar espaços de interação entre surdos e ouvintes, promovendo o ensino da Língua Brasileira de Sinais como ferramenta de integração e cidadania (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2018).

A estratégia adotada é ensinar LIBRAS. Docente, voluntários, bolsista e colaboradores que se reuniam semanalmente para planejar as ações. O grupo era grande e tinha estudantes de graduação em vários cursos (Letras, Secretariado, Sistemas de informação, Computação, Matemática e Pedagogia) atuando como monitores (19 voluntários e um bolsista), sete colaboradores externos (surdos, intérpretes, um professor de Libras e um colaborador que elabora o material gráfico de apoio para as atividades).

2ª Instituição: A Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (FUNAD) é uma instituição pública vinculada à Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, dedicada à promoção da inclusão social e educacional de pessoas com deficiência. A FUNAD oferece diversos serviços especializados, incluindo:

Símbolo da Instituição



Frente da FUNAD



Abaixo destacaremos alguns desses serviços, citados de acordo com o site FUNAD:

- **Central de Libras:** atendimento voltado a pessoas surdas, com apoio de intérpretes de Libras em várias áreas sociais.
- **Atendimento Educacional Especializado (AEE):** o atendimento especializado oferece aos alunos surdos, um desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e da língua portuguesa.
- **Escola Ana Paula:** a escola funciona dentro das dependências da FUNAD, oferece um atendimento especializado para cada deficiência no contra-turno escolar aos alunos com deficiências, matriculados na Rede Regular de Ensino.
- **Curso de Libras em Contexto:** promove curso de Libras para profissionais da Educação e outras pessoas interessadas, visando a inclusão e o acesso a comunicação para pessoas surdas.
- **Programas de Habilitação e Reabilitação:** a FUNAD é referência nesse serviço nas áreas da deficiência, (física, intelectual, visual, auditiva e TEA) em todo o estado da Paraíba, onde as pessoas com deficiência são atendidas por uma equipe multidisciplinar. Promovendo uma melhor qualidade de vida, bem estar social e cidadania para a população Paraibana.

- **Programa Passe livre:** oferece o programa para pessoas com deficiência, incluindo pessoas surdas, que garante o acesso ao transporte público.
- **Inclusão Social:** por meio de cursos e diversas atividades artísticas, de lazer, esporte e recreativa, e ainda insere as pessoas surdas no mercado de trabalho.

Diante dos programas e serviços, observamos o quanto a Instituição FUNAD tem prestado um serviço de excelência para a comunidade surda no estado da Paraíba. Além de dar todo o suporte ao aluno surdo, facilita e orienta a vida da família que tem o(a) filho(a) surdo(a) para uma melhor convivência.

Por meio desses atendimentos oferecidos no estado da Paraíba, os alunos surdos se sentem mais confiantes e seguros para participar da sala regular de ensino, isso permite um estímulo aos professores para um novo olhar para alunos surdos e a busca por novos conhecimentos e formação contínua na área da Educação Especial, mais especificamente na comunicação de LIBRAS.

A evolução do processo de incluir a pessoa surda, permitiu o acesso, respeito e direito por uma educação digna e participação desses sujeitos no ambiente escolar e social.

2.2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS EM MAMANGUAPE-PB

Aqui mostraremos, um pouco o início do processo de inserção as pessoas surdas na perspectiva da escolarização no município de Mamanguape- PB, abaixo apresentaremos o relato de vivência da atual coordenadora da Educação Especial e Inclusiva do Município de Mamanguape-PB.

O relato foi coletado por meio de um documento elaborado com questões norteadoras (encontra-se em apêndices), para a coordenadora descrever sua atuação no início do processo de inclusão dos alunos surdos no município de Mamanguape- PB.

Relato da atual coordenadora:

Os alunos surdos iniciaram seu processo de inclusão na Rede Municipal de Educação de Mamanguape entre os anos de 2003 e 2006. No período não tinha intérpretes nas escolas, esse profissional era muito difícil. Houve uma melhora na oferta de profissionais, mais não tão significativa para atender a demanda.

Em 2003 quando iniciei como professora alfabetizadora de alunos surdos na sala de educação especial, na época chamávamos de sala de DA (Deficiente Auditivo) tínhamos o número de 15 alunos surdos. No período que iniciei, ainda estávamos nas salas especiais, o processo de inclusão escolar estava dando seus primeiros passos em nosso município.

Desse modo, os alunos não frequentavam a sala regular e não eram matriculados nas escolas do Município de Mamanguape-PB, havia uma segregação, ou seja, a separação dos alunos ouvintes e não ouvintes, ambos não frequentavam o mesmo espaço de aprendizagem.

O processo de escolarização (nas salas especiais) do surdo era através de várias metodologias como: a língua de sinais, uso de imagens, vídeos educativos, todo recursos que estimulasse seu desenvolvimento cognitivo e sua comunicação era pensado, sobretudo seu autoconhecimento.

O processo de educação do surdo antigamente, era fundamentada na baixa autoestima, preconceito e uma educação segregada, onde seu acesso a aprendizagem através da LIBRAS era negada, formação para professores limitadas, falta de recursos, a falta de conhecimento e valorização de suas habilidades e potencial. Os alunos surdos eram vistos apenas como incapazes.

Atualmente, com o processo de inclusão educacional vivenciamos diariamente várias vitórias, principalmente quando foi oficializada a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em 2002. Dessa forma as propostas pedagógicas começaram a se reconstruir de forma dinâmica e que atendesse diretamente as particularidades do aluno surdo.

Hoje os surdos têm mais acesso à educação e à cultura, possibilidades de desempenhar várias atividades distintas, dessa forma conseguindo ter êxito no mercado de trabalho, suas línguas são reconhecidas devidamente e seus direitos garantidos. Tudo isso são reflexos do processo de educação inclusiva que promoveu aos surdos uma educação de qualidade com equidade, através de profissionais, recursos, intervenções pedagógicas eficazes, reais, concretas e principalmente o reconhecimento e valorização de sua identidade como cidadão de direito.

Pode-se observar a abordagem de ensino usada para os alunos surdos na fala da coordenadora:

O processo de escolarização (nas salas especiais) do surdo era através de várias metodologias como: a língua de sinais, uso de imagens, vídeos educativos, todo recursos que estimulasse seu desenvolvimento cognitivo e sua comunicação era pensado, sobretudo seu autoconhecimento. O processo de educação do surdo antigamente, era fundamentada na baixa autoestima, preconceito e uma educação segregada, onde seu acesso a aprendizagem através da LIBRAS era negada, formação para professores limitadas, falta de recursos, a falta de conhecimento e valorização de suas habilidades e potencial. Os alunos surdos eram vistos apenas como incapazes.(Coord. Educação Especial, 2025).

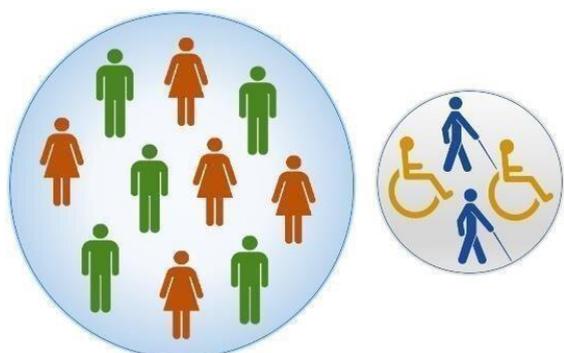
De acordo com a fala da coordenadora a abordagem era a comunicação total, pois combina vários métodos de comunicação, incluindo recursos visuais, incluindo sinais, alfabeto manual, utilizando aquilo que fosse mais adequado para cada aluno surdo.

Segundo Quadros, afirma:

A comunicação total propõe o uso de todos os meios disponíveis, fala, linguagem de sinais, leitura labial, escrita e outros recursos, para promover a comunicação com a pessoa surda, respeitando suas necessidades individuais. (Quadros, 1997. P. 126).

A citação de Ronice Quadros (1997, p.126) trata do conceito de comunicação total, uma abordagem que valoriza o uso de todos os recursos possíveis para facilitar a comunicação com pessoas surdas.

Por meio da coordenadora , observamos dois pontos do processo de inclusão escolar para os alunos surdos no município de Mamanguape-PB.



SEGREGAÇÃO

Fonte: Paradigma da Segregação. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Paradigma-da-segregacao_fig2_383129871Acesso em 17 abr.2025.



INCLUSÃO

Fonte: Guia do Educador. Disponível em: https://www.guiadoeducadorinclusivo.org.br/ca_pitulos/capitulo-1. Acesso em 17 abr.2025.

No relato da coordenadora, notamos que o processo da educação dos surdos em Mamanguape-PB iniciou de forma segregada, existindo a separação dos alunos surdos e ouvintes, percebe que na visão passada não havia sentido de incluir os alunos surdos com os demais alunos ouvintes, desse modo parecendo para os professores e gestores que seria um atraso para o processo de aprendizagem a inserção dos alunos surdos na sala regular.

No entanto, havia a distribuição desigual de estudantes surdos entre as escolas, ou seja, separação entre alunos com e sem deficiência, não dando o direito de participarem do mesmo espaço e conhecerem a cultura um do outro por meio da aproximação, convívio e comunicação. Notamos que, a falta de preparo, conhecimento contribuía cada vez mais para a segregação dos alunos surdos, fazendo se distanciar a cada dia de seu direito: frequentar a escola como todos os outros alunos ditos normais.

Após esse período de segregação, nos anos entre 2003 e 2006, em poucos passos, os profissionais da educação do Município de Mamanguape-PB, começaram a implementar a inclusão dos alunos surdos com os alunos ouvintes, de modo que ambos possam aprender da mesma metodologia de ensino e conteúdos ensinados em sala de aula regular. Por meio da inclusão dos alunos surdos, os professores precisaram rever suas metodologias e recriar uma nova forma de pensar: o ensinar os alunos surdos como os ouvintes.

Com a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), O município de Mamanguape-PB teve que repensar as formas de acolher, ensinar e a buscar formações e capacitações para melhorar o ensino dos professores na sala de aula regular. As propostas pedagógicas foram reconstruídas para que atendessem as necessidades dos alunos surdos, esse ponto de partida é que permitiu até hoje, a inserção desses alunos frequentarem a sala de aula, que é deles por direito.

3 DADOS COLETADOS SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DOS ALUNOS SURDOS DAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE-PB

Sabemos que as propostas de atividades oferecem uma inclusão significativa ao aluno surdo, pois é um dos gestos que faz o aluno se sentir participante da sala de aula e visto como um aluno que tem seu direito exercido como os demais educandos. Sendo assim, o processo de inclusão vem surgindo cada vez mais e sendo mais atuante nas escolas municipais do que escolas particulares; é tanto que no município de Mamanguape o aluno surdo vem ter o direito de ensino e aprendizagem na rede municipal de ensino.

Percebemos que a inclusão está acontecendo aos poucos nas escolas, o que tem gerado desconforto entre professores e funcionários. Isso acontece porque cada aluno é diferente, e o aluno surdo ainda é visto como um desafio. Muitos acreditam que ele “não consegue aprender”, “não deveria estar na escola” ou que “não vai acompanhar os colegas”. Essa resistência, na verdade, mostra que alguns professores preferem continuar na sua zona de conforto, acreditando que o aluno surdo está na escola apenas por um tempo, sem real intenção de inclusão.

Notamos que há uma dificuldade e sempre haverá por meio de alguns profissionais. O processo de inclusão a esses alunos depende de cada um que está envolvido no ambiente escolar, de que forma acolhe, como o vê, como elabora e planeja suas atividades e que vão verdadeiramente atender a sua real necessidade, fazendo que o aluno surdo evolua em sua aprendizagem. É preciso ter um olhar reflexivo e ser pesquisador.

Observamos que os profissionais, conforme investigamos e conversamos, vimos que grande parte não tem o conhecimento da Libras e nenhum curso voltado a alunos com deficiência e muito menos especificamente alunos surdos. Algumas atitudes praticadas pelos próprios profissionais é a de que: o aluno surdo se comporte como ouvinte, acompanhando os conteúdos que são estabelecidos com um olhar clínico.

Lacerda diz:

A inserção do aluno surdo no ensino regular é uma das diretrizes fundamentais da política nacional de educação. Vista como um processo gradual e dinâmico que pode tomar formas distintas de acordo com as necessidades dos alunos, acredita-se que a inclusão escolar possibilite a construção de processos linguísticos adequados, de aprendizagem dos conteúdos acadêmicos e uso social da leitura e da escrita. Nesta proposta, o professor medeia e incentiva a construção do conhecimento por meio da interação com ele e com os colegas; porém o fato de o surdo, em geral, não ter a língua compartilhada com seus colegas e professores, e de estar em desigualdade linguística em sala de aula, não é contemplado (LACERDA, 2006, p. 69.)

Assim, entendemos que a inclusão tem por objetivo não deixar nenhum aluno fora do ensino regular, desde o início da escolarização, sabendo que a escola é que deve se adaptar ao aluno. Entretanto, quando se opta pela inserção do aluno surdo na escola regular, esta precisa ser feita com cuidados que visem garantir possibilidades de acesso aos conhecimentos que estão sendo trabalhados. Como citado por Lacerda acima, o professor tem o papel importante de incentivar e mediar o aluno na construção de seu conhecimento.

Até o momento a Rede Pública Municipal de ensino na cidade de Mamanguape tem sido uma ponte que insere esses alunos, que adiciona e dá o que é de direito ao sujeito com deficiência auditiva. O direito de ser incluído no ambiente escolar. O caminho percorrido tem sido pensar na implantação de como inserir os alunos surdos no ensino regular e esse é um dos primeiros pontos que a educação como um todo deve refletir; e hoje observamos que alunos surdos estão inseridos e acompanhados por um profissional de apoio, as intérpretes de Libras que têm o papel de auxiliar e estimular o aluno durante sua aprendizagem. A proposta de incluir todos os alunos no ensino regular, tem encontrado barreiras e aqui citamos: a homogeneização escolar.

É inegável que os professores não pensam em quais métodos deverão adquirir para a inserção dos alunos surdos no contexto escolar, para atender sua real necessidade e não desassociando-os daquilo que é transferido para os alunos sem alguma deficiência, ou seja, os conteúdos que são desenvolvidos e pensados para os ditos normais, devem ser os mesmos para os alunos com deficiência. Mas é preciso um olhar reflexivo para que as atividades sejam dentro de sua especificidade e o método de ensino seja repensado para que os alunos venham desenvolver sua habilidade.

Infelizmente, nas escolas é muito comum o tradicionalismo, portanto há alguns professores presos ao quadro sem uma comunicação com os alunos ouvintes e muito menos com os alunos surdos. Portanto, Santos diz: Temos o mesmo direito à igualdade, quando a diferença nos inferioriza, e direito a diferença, quando a igualdade nos descaracteriza. Santos (1999).

A afirmação acima mostra que todos os alunos têm o direito de estudar na escola comum. As escolas especiais, muitas vezes, acabam excluindo, limitando e inferiorizando os estudantes. No entanto, também é importante garantir o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que deve ser oferecido de forma complementar, de preferência na própria escola comum. Isso ajuda a respeitar as necessidades específicas de cada aluno. É preciso refletir sobre o caminho que temos seguido na educação e entender que não podemos tratar todos os alunos de forma igual, pois cada um tem suas particularidades.

O que temos atualmente na rede regular de ensino de Mamanguape são intérpretes desempenhando um papel além do seu, que é apenas de interpretar os conteúdos que são ensinados pelos professores da sala regular. A esse respeito, abaixo, traremos falas de três intérpretes (A, B, e C) que descreveram um pouco suas atuações na rede municipal de ensino, trazendo um pouco de suas realidades como profissionais, como um relato de experiência de acordo com as propostas de ensino, da cidade de Mamanguape-PB.

Relato das intérpretes que atuam nas escolas Municipais de Mamanguape-PB:

Intérprete A (EMEF Miguel Thomaz e EMEF Comunidade da Pedra):

(...) isso não significa que não exista barreiras na comunicação, pois em grande parte dos casos os alunos surdos que são do município ou vem de outros interiores não são alfabetizados em sua primeira língua, a Libras, de modo que dificulta ainda mais sua aprendizagem. Um outro desafio bastante presente neste contexto é a adaptação dos materiais didáticos. Muitas vezes os recursos utilizados em sala de aula não são acessíveis aos alunos surdos, seja pela falta de tradução em libras e pela inadequação visual dos materiais.

(...) no caso do aluno, eu venho dando suporte tanto na parte social de interação, quanto na parte pedagógica como: aula de reforço das libras e português, na comunicação entre alunos e professor, na elaboração e adequações e adaptações das atividades fazendo de fato a ponte entre escola, professor e aluno. (...)é fundamental investir na formação dos professores na adaptação dos materiais

didáticos e no suporte institucional para garantir que todos os alunos independentes de suas necessidades, possam ter uma educação de qualidade.

Intérprete B (EMEF Adailton Coelho Costa):

(...) em relação ao processo de aprendizagem dos alunos surdos, a inclusão só acontece de fato quando suas atividades são adaptadas e com o auxílio dos intérpretes passando o português sinalizado pois o universo do surdo é muito visual.

(...) a rede de ensino municipal oferta uma sala de recurso para melhor desenvolvimento para esses alunos em sua evolução tanto na aprendizagem quanto em contexto social. Contribuindo de uma maneira significativa para que o aluno se veja como indivíduo pertencente daquele ambiente, onde todos somos diferentes e respeitamos as diferenças e que ela se aceite como pessoa surda, e conquiste seus espaços.

Intérprete C (EMEF Maria Cléia Bezerra):

(...) nem todas as atividades são adaptadas para o aluno surdo, por exemplo os livros não são adaptados e temos que ter estratégias de comunicação para os surdos principalmente para aprimorar o seu conhecimento e entendimento a sua própria língua a LIBRAS.

Eu como interprete o meu dever é incluir e mostrar que porque ele é surdo, que ele não sabe qualquer coisa, mas pelo contrário, ele deve e pode participar de todas as atividades da escola. É de muita importância a comunicação do professor com o surdo, pois ele irá se sentir acolhido pela sua atenção e interação com ele.

A partir da leitura das falas das intérpretes, observamos que a escola vem ser uma ponte para os alunos na questão de recebê-los, porém há uma fragilidade em relação as propostas de ensino que os professores deveriam propor para os alunos. Notamos que as intérpretes vem sendo uma ponte ainda maior para a ligação dos professores e toda a escola.

O não ter conhecimento da Libras vem ser uma das barreiras atitudinais para uma boa atuação dos professores aos alunos surdos na sala de aula regular. Na fala das mesmas intérpretes, citam que as atividades não são adaptadas para especificidades dos alunos e citam a questão dos livros, que seriam muito importantes ser sinalizados para os alunos. As intérpretes sentem e os alunos também sentem a necessidade do visual para a comunicação, para a valorização e para o incentivo no seu processo de aprendizagem, assim sentindo-se pertencente ao ambiente escolar no qual estão inseridos.

Consideramos então, dois pontos cruciais e que aqui destacamos: a comunicação entre professor e aluno e os desafios da adaptação dos materiais didáticos para se trabalhar com os alunos. Quadros aborda a questão da interação profissional ouvinte/surdo da seguinte forma:

São vários os problemas gerados a partir da comunicação não estabelecida entre o surdo e o ouvinte. Tanto em nível de interpretação e tradução, como em nível educacional, os problemas podem afetar o desenvolvimento da comunicação. Os efeitos podem provocar bloqueios irreversíveis na interação do profissional (professor e/ou intérprete) com o surdo. Fatos como esses são verificados nas comunidades surdas e percebe-se que prejudicam sensivelmente o trabalho desenvolvido pelos profissionais, podendo, inclusive, acarretar a exclusão desses pela comunidade surda. Os surdos e ouvintes precisam ser sensíveis e compreender o grau de dificuldade que envolve a tradução de uma língua numa modalidade oral-auditiva (Língua Oral) para uma língua visual-espacial (Língua de Sinais) e considerar as diferentes formas de expressão de cada uma para determinar o significado da mensagem. (Quadros, 1995, p. 26)

A abordagem do citado por Quadros acima, pode afirmar os problemas ligados à comunicação entre o surdo e o ouvinte. Tais problemas afetam a vida social e educacional desses alunos por falta de comunicação e interação entre aluno e professor.

Analisamos que as propostas que os professores expõem para a turma, de certo modo, acaba sendo prejudicada, pois o profissional não terá habilidade necessária para transmitir na língua de sinais para o aluno surdo. A autora explica que a tradução entre a língua oral (auditiva) e a língua de sinais (visual) não é simples, pois elas têm estruturas e formas de expressão diferentes. Quando a comunicação não é bem feita, isso pode prejudicar o desenvolvimento do surdo, criando bloqueios na interação com professores ou intérpretes, o que pode levar à exclusão do aluno surdo.

O segundo ponto tratando da adaptação dos materiais, por meio do Relatório Prolicen UFPB/PRG (2015) é que apresentamos as seguintes orientações:

Ao preparar a aula para os alunos surdos o professor terá que construir estratégias de ensino, fazendo uso de recursos essencialmente visuais como: maquete, cartazes, mapas, objetos concretos, imagens diversas, desenho, brincadeiras, jogos interativos, jogos eletrônicos, livros, informática, dinâmicas, dramatização de situações vividas, mantendo acima de tudo, um diálogo na língua de sinais permanente com os alunos promovendo neste processo de conhecimento, a inclusão dos mesmos (Relatório Prolicen, 2015, s/p).

Então, faz necessário que as aulas sejam pensadas com o objetivo de alcançar as especificidades do surdo. Existe um leque de estratégias para que o professor planeje uma aula bem-preparada e pensada na necessidade do aluno, os desafios ainda existem, mas não tanto como em tempos atrás, como: a falta de

formação para professores, a falta de materiais adaptados, como materiais visuais e acesso a internet. A existência da tecnologia veio para ser uma das ferramentas para a construção de materiais, evolução e aprimoramento de qualquer tipo de materiais metodológicos. Para tanto, é importante que os professores planejem e sejam elaboradores de atividades que promovam o aprendizado do aluno surdos entre os demais alunos da sala, por meio do desenvolvimento de atividades em grupo, utilizando a língua de sinais e permitindo a troca de experiências

As atividades eram compartilhadas entre os alunos mais próximos ao aluno surdo e isso fez com que os colegas ouvintes passassem a gostar e se interessassem na língua de sinais.

A intérprete notou que tal passo poderia causar um ponto significativo no processo de aprendizagem do aluno que acompanhava, por meio deste olhar, a intérprete não quis apenas que o aluno se comunicasse com alguns colegas, mas, com toda classe em que estudava.

Em uma das aulas em que a professora titular ensinava os verbos para os alunos ouvintes, a intérprete passa para o aluno surdo para que ele aprendesse. Mas por sua atitude capacitista, ela quis experimentar que o aluno passasse para toda turma como ficaria estes verbos em sua língua, a língua de sinais. A interação e troca de experiência entre o surdo e ouvinte vai além de barreiras que, por muitas vezes, poderiam existir dentro da própria sala, tanto da professora por receio ou pelos próprios coleguinhas.

O olhar reflexivo da intérprete fez com que a relação saísse apenas entre ela e o aluno e atingisse toda a sala. Essa atitude deu estímulo aos alunos e fez o aluno sentir o quanto é capaz, e de que não está ali apenas para aprender, mas para passar aos demais a sua língua.

A partir da proposta de atividade, nota-se que há métodos simples que possa fazer o aluno além de realizar a atividade, ele aprender, gostar de aprender e o fazer pertencente do lugar onde está inserido, assim surgindo a inclusão por um simples pensar a maneira de propor a atividade. Na maioria das aulas, a intérprete com o apoio da professora, juntas buscam manter a participação nas atividades com o aluno deste modo, colocando o aluno como “protagonista” de seu próprio processo evolutivo de aprendizagem.

Já em uma outra escola (EMEF Comunidade da Pedra) com a mesma intérprete em turno diferente, vimos que ela enfrenta uma situação totalmente ao contrário, pois o aluno vai à escola, mas não fica na sala regular. Então a gestora e a intérprete da EMEF Comunidade da Pedra, preparou uma sala menor para que o aluno surdo e a intérprete ficasse para desenvolver sua aprendizagem.

A partir da observação e relato, a intérprete (A) relata que o aluno tem muita dificuldade em sua aprendizagem, interação social com os colegas e professora titular, timidez, recusava realizar as atividades e não aceitava de forma alguma permanecer na sala junto com os outros colegas. O processo de inclusão desse aluno da zona rural foi demorado e delicado.

Partindo do início da observação, a professora da sala regular não se via preparada para inserir, acolher e realizar atividades para o aluno. Desse modo, até aqui o aluno não frequenta sua sala regular, a intérprete teve bastante dificuldade em cativar o aluno, pois o aluno não se comunicava e não aceitava gestos, olhares e nenhum tipo de expressão relacionada a atividades.

Aos poucos, a intérprete em uma sala fora a parte junto com o aluno, começou a trazer para aquele pequeno espaço situações que o aluno vivia no seu dia a dia, já que ele morava no sítio. Ela trazia assuntos relacionados a animais, rio, frutas, árvores e cachoeiras, a partir dessa comunicação, o aluno passou a permitir a comunicação relacionada à aprendizagem, à escola, a letras, números e tudo que envolve seu processo de aprendizagem por meio de atividades.

Um dos métodos pensados e que em tudo que fosse atividade, deveria trazer a vida do aluno junto. A intérprete de Libras começou a trazer o alfabeto sinalizado e com imagens do que ele vivia em seu local de moradia.

A intérprete (A) da EMEF Comunidade da Pedra diz que : *O aluno começou a tomar gosto e vê sentido no motivo de todos os dias ir à escola. Mas em alguns dias, não sentia vontade de ir à escola e muito menos está ali fazendo atividades.* A intérprete de Libras que acompanhava se dedicou muito e estimulava gradativamente a se sentir parte da escola e fazê-lo reconhecer a suas limitações e possibilidades.

Portanto, entendemos que o processo de inclusão, por meio de atividades para os alunos surdos, vem sendo desafiante aos professores da sala regular e, por muitas vezes, desenvolvidos e elaborados pelas intérpretes. Apesar da dificuldade dos professores titulares, era dado a liberdade para atuação das intérpretes, para além do que se devia fazer, prestar e atuar para os alunos surdos. Obviamente que o trabalho deveria e deve ser desempenhado pelos professores da rede, mas sabemos que a realidade de tantas escolas é diferente daquilo que se era para ser de

fato e um dos pontos é a falta de tempo ou interesse de muitos que já estão há anos e anos atuando em sala regular.

No município de Mamanguape, o trabalho começou a se movimentar e desenvolver seu processo a poucos anos, relacionado ao ensinar e incluir estes alunos. Não partindo dos professores inicialmente, mas, de um processo seletivo no ano de 2021 para cuidadores e intérpretes e isso ocasionou grandes mudanças na rede municipal de ensino, pois abriu-se um leque de oportunidades para área que tanto necessitava dentro das escolas. A vindas das intérpretes as salas regulares geraram pontos positivos e a inserção dos alunos surdos no espaço escolar.

De certo modo, gerou uma inquietação aos professores efetivos, que por maioria, não adquiriram o conhecimento relacionado aos alunos surdos. A presença das intérpretes nas salas gerava um desconforto aos professores titulares, sabemos que alguns quiseram criar uma ponte e um elo entre aluno e intérprete, mas, uma maioria não.

Diante os relatos das intérpretes (A,B e C) e observações, as intérpretes relatavam as dificuldades que se eram enfrentadas por elas e pelos professores titulares, dificuldades entre a comunicação entre ambos e dificuldade entre professor e aluno. Mesmo diante da dificuldade, as intérpretes buscavam soluções e estratégias de ensino e fazer com que houvesse ao menos uma pequena comunicação entre professor e aluno; nem sempre funcionava, mas havia a constância para que se houvesse a evolução dos alunos em seu aprendizado. O processo de inclusão dos alunos surdos não é fácil, pois há poucos profissionais que atuam e têm o conhecimento nessa área.

A partir da atuação das intérpretes, o processo começou a tomar forma e um novo ritmo, pois a inquietação gerou curiosidade e gosto para que houvesse a busca para saber incluir os alunos com deficiência auditiva.

As atividades que, muitas vezes, não eram realizadas de maneira correta e adaptada para os alunos, começaram a ser repensadas com um novo olhar para atender a real necessidade do aluno, a realização das atividades era pensada e elaborada pelas Intérpretes de Libras, que, por muitas vezes, havia a comunicação das intérpretes com os professores da sala, para poder planejar de acordo com o assunto que se ia passar para os alunos em dia de aula.

E, por meio disso, os alunos começaram a se desenvolver e a se sentirem acolhidos, importantes e vistos sem rótulos de que nada se poderia ou teria capacidade de fazer.

Cada atividade despertava e passava-se a conhecer as habilidades que não eram

vistas a cada ano que se passava. Todas as escolas davam total espaço e apoio para que as intérpretes pudessem atuar, acompanhar os alunos da melhor forma e por meio delas havia o ensinar por meio de suas atitudes para os gestores, funcionários e professores titulares a olhar de modo reflexivo enxergando não a deficiência, mas as potencialidades que de alguma forma os alunos obtinham.

3.1 ANÁLISE DAS PRÁTICAS ESCOLARES DOS ALUNOS SURDOS DAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE-PB

Para antes analisarmos as práticas escolares dos professores para com os alunos surdos, destacaremos abaixo as características das escolas investigadas. Portanto, elaboramos os questionários com o objetivo de coletar informações para obtenção de conhecimento do ambiente escolar que será realizado a pesquisa de campo.

Serão apresentados os questionários para o gestor, professor e intérpretes de Libras e estarão disponíveis em apêndice. Apresentaremos ainda aqui 09 atividades, que estarão expostas nas figuras A, B,C,D,E,F,G,H e I.

Escolas - O questionário foi aplicado em 04 escolas da rede municipal da cidade de Mamanguape-PB, o número de escolas corresponde a que tem alunos surdos matriculados e frequentando a rede regular de ensino.

QUADRO1: o número de escolas corresponde a que tem alunos surdos matriculados e frequentando a rede regular de ensino.

Escolas	Características
EMEF Comunidade Pedra	Escola localizada na zona rural, tendo 71 alunos, com faixa etária de 04 a 10 anos de idade. Funciona manhã e tarde os Anos Iniciais e Fundamental I, a escola atende dois sítios vizinhos. Há 01 aluno surdo.
EMEF Miguel Thomaz	Escola localizada na zona urbana, tendo 501 alunos, com faixa etária de 04 a 11 anos de idade. Funciona manhã e tarde os Anos Iniciais e Fundamental I. Há 01 aluno surdo na sala do 5º ano.
EMEF Cléa Bezerra	Escola localizada na zona urbana, tendo 663 alunos, com faixa etária de 10 a 70 anos de idade.

	Funcionando manhã, tarde e noite Fundamental II e a EJA. Há 01 aluno surdo na sala do 8º ano.
EMEF Adailton Coelho	Escola localizada na zona urbana, 456 alunos com faixa etária de 10 a 15 anos. Funcionando manhã e tarde Fundamental II. Há 01 aluna surda.

A partir do questionário que segue, veremos as características da escola, percebemos que o número de alunos surdos matriculados é pequeno, tendo 01 aluno por escola.

Professores - o questionário foi aplicado a 5 professores das escolas municipais, escolas que foram citadas no Quadro 1 acima, e participaram da pesquisa campo. Colhemos dados, de cinco professores com uma faixa etária uma próxima das outras. Do total quatro apresentam idade entre 35 e 45 anos. Os professores em sua maioria são dos anos iniciais (dois professores) são dos anos finais do Município de Mamanguape.

Quadro 2: Questionário das perguntas e respostas dos professores referentes as propostas de atividades e inclusão de alunos surdos no ensino regular

Professores	1) Há alguma dificuldade relacionada ao ensinar o aluno surdo? Qual?
Professor A EMEF Comunidade Pedra	Sim, mas há uma intérprete de Libras para auxiliar no seu aprendizado.
Professor B EMEF Cléa Bezerra	Sim, porque tenho bastante dificuldade em prepara uma tarefa que esteja no nível de aprendizagem do aluno, além disso, não tenho curso de Libras.
Professor C EMEF Cléa Bezerra	Sim, a comunicação em Libras.
Professor D EMEF Miguel Thomaz	Inicialmente, a dificuldade encontrada foi a comunicação, porém com ajuda da intérprete de Libras essa dificuldade foi diminuída.
Professor E EMEF Adailton Coelho	A referida aluna sente dificuldade de se comunicar, por meio dos sinais em Libras.
	2) Quais as propostas de atividades para o aluno?
Professor A EMEF Comunidade Pedra	Sempre atividades adaptadas a sua realidade e necessidades.
Professor B EMEF Cléa Bezerra	As atividades que proponho para o meu aluno que apresentam várias propostas direcionadas para alunos surdos.
Professor C EMEF Cléa Bezerra	Atividades com questões diretas de fácil compreensão e interpretação.
Professor D EMEF Miguel Thomaz	O aluno acompanha o material proposto pela rede com ajuda da intérprete, pois participa das

	avaliações formativas. São propostas também seminários e apresentações em Libras.
Professor E EMEF Adailton Coelho	As atividades são iguais para todos os alunos, temos um material estruturado (EDU).
	3)O aluno consegue desenvolver bem as atividades?
Professor A EMEF Comunidade Pedra	Sim, pois são atividades de acordo com a sua realidade de aprendizagem.
Professor B EMEF Cléa Bezerra	Ele consegue desenvolver bem as atividades por ser acompanhado por cuidadora, pois é ela quem fica responsável em explicar para ele o que deverá ser feito em cada atividade proposta.
Professor C EMEF Cléa Bezerra	Sim
Professor D EMEF Miguel Thomaz	Sim
Professor E EMEF Adailton Coelho	Com ajuda da intérprete de Libras, ela desenvolve as atividades.
	4)De modo geral, qual a sua visão sobre a inclusão desses alunos no ensino regular? E o que deveria ser melhorado para evolução do aluno?
Professor A EMEF Comunidade Pedra	Não pode haver nenhuma inclusão. Sendo possível adaptar as atividades para sua melhoria diante do seu aprendizado.
Professor B EMEF Cléa Bezerra	Acredito que a inclusão é algo saudável para estes meninos e meninas, porém não é apenas o fato de estar matriculado ou ir todos os dias a escola, é fazê-los sentir verdadeiramente parte de uma sala de aula, sendo participantes de todos os eventos que a escola oferece, mediante a situação de cada um deles. Acho que, além dos recursos oferecidos pela escola, a família é essencial para o bom desenvolvimento desses alunos.
Professor C EMEF Cléa Bezerra	A inclusão desses alunos é essencial para promover a igualdade de oportunidades, mas requer adaptação. Deveria ser feita uma formação adequada dos professores e recursos específicos para atender as necessidades de maneira eficaz.
Professor D EMEF Miguel Thomaz	A inclusão desses alunos chega a ser uma oportunidade não só para a professora, mas também para os alunos de trocas de saberes. O que poderia ser melhorado seria um material mais ilustrativo e adaptado em Libras, capacitações para os professores.

Professor E EMEF Adailton Coelho	Na minha opinião, precisávamos de capacitação para que os alunos com deficiência auditiva tivessem esse suporte com eficiência.
---	---

As informações coletadas no Quadro 3 mostraram-nos que maioria dos professores fala de suas dificuldades, das propostas de atividades, do desenvolvimento dos alunos em relação às atividades. E, modo geral, relata a visão que contêm a respeito da inclusão desses alunos.

Ao olharmos tais informações é possível inferir algumas questões:

A) Em termos das dificuldades relacionadas ao ensinar o aluno surdo, percebe-se que todos os professores não sabem Libras, não têm acesso nenhum por meio de algum curso, capacitação ou formação sobre a Língua Brasileira de Sinais. Outro fato importante é que a maioria dos educadores, dizem sim ter uma dificuldade, mas sempre citam as profissionais de Libras que têm apenas o papel de auxiliar o aluno surdo, são apoiadoras e não professoras da sala regular. A partir disso, nota-se que 90% dos professores colocam a responsabilidade exclusivamente para as intérpretes de Libras como: para elaboração de atividades, explicar e ensinar os conteúdos em sala.

Percebemos a escassez da evolução de conhecimentos, por meio de formações e capacitações dos docentes. Notamos que, dessa forma, o professor não exerce o papel de pesquisador, deixando assim de buscar novos conhecimentos e buscando novas habilidades para trabalhar com a diversidade de alunos.

Dentre as respostas obtidas no questionário, observamos que um professor fez uma relação contrária ao que se havia perguntado, relacionando a dificuldade não ao seu modo de ensinar, mas a dificuldade da aluna. Essa resposta nos fez refletir a respeito da atuação dos professores diante tal dificuldade como: qual o olhar que esses professores têm para com o aluno surdo? Os professores acolhem e entendem a especificidade/dificuldade desse aluno?

B) No que se refere às propostas de atividades dos cinco, três professores planejam atividades que realmente vai atender as necessidades específicas do aluno de acordo com sua realidade, nível e ritmo de aprendizagem.

O professor B além de afirmar que propõe atividade adaptada, explicita por meio de sua resposta o detalhamento de onde é retirada as atividades para aplicar para o aluno, ressaltando que são propostas direcionadas para alunos surdos e que vai de acordo ao seu nível de aprendizagem.

Notamos que dois professores não planejam atividade e não têm nenhuma proposta de atividades direcionada aos seus alunos. O professor D diz: que o aluno acompanha o material proposto pela rede municipal, que, no caso, é o CAC, caderno de atividades que oferece uma abordagem prática para o aprendizado interdisciplinar trazendo várias áreas do conhecimento. Porém, a praticidade não vai de acordo a necessidade do aluno surdo e nem possui adaptação para sua especificidade.

O professor E afirma que: as atividades são iguais para todos os alunos. A partir da fala, verificamos que o professor não desenvolve nenhuma proposta de atividade para o aluno, ou seja, não há um olhar reflexivo sobre a necessidade do aluno para que consiga desenvolver sua aprendizagem. Uma única atividade para todos os alunos, quando se há um aluno com deficiência auditiva, acaba deixando de exercer o verdadeiro papel do pedagogo.

c) Aqui iremos refletir o olhar dos professores entrevistados, em relação à questão de como os alunos desenvolvem as atividades. Todos os professores disseram que sim, que os alunos desenvolvem bem as atividades por atenderem as necessidades que os próprios alunos têm.

Ainda averiguamos que o desenvolver bem as atividades não é apenas por atender a realidade do aluno, mas de que se tem a profissional de apoio para que os alunos consigam realizar de forma prática e atendendo o esperado do professor. Sendo assim, além da Intérprete de Libras ser esse apoio, ela se encarrega de realizar a explicação da atividade, havendo apenas o contato de aluno e intérprete em todas as atividades.

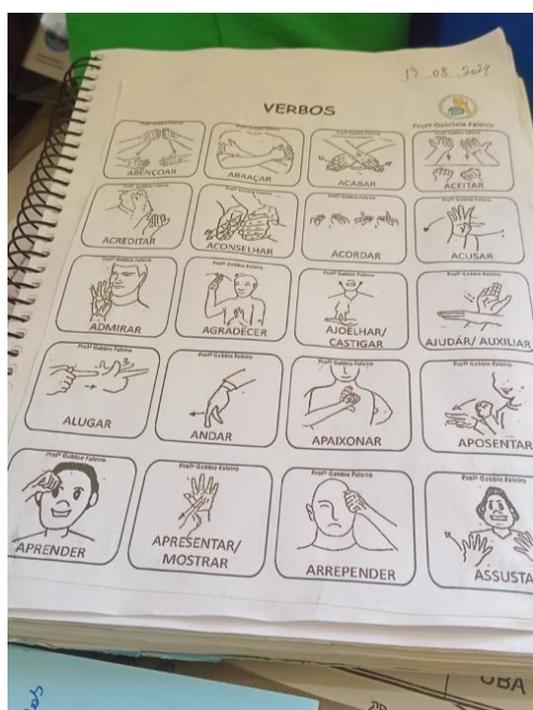
Em todas as salas observadas, sentimos o quanto há um distanciamento entre professor e aluno, a afirmação que os professores dizem é acompanhada de longe, pois o professor faz a comunicação com o intérprete de Libras de como

deve ser feita a atividade e durante toda realização a tradutora intérprete acompanhava de fato todos os caminhos que o aluno passou para chegar ao objetivo. Durante a observação nas escolas, notamos que havia um “planejar” não do professor titular, mas da intérprete, pois a intérprete de Libras conseguiu na sala de aula desenvolver laços entre o aluno surdo e alguns alunos da sala por meio da comunicação de Libras.

Diante o questionário também analisarmos algumas questões, que iremos expor algumas atividades que são feitas pelas profissionais de Libras e professores, conforme as figuras que seguem.

FIGURA A

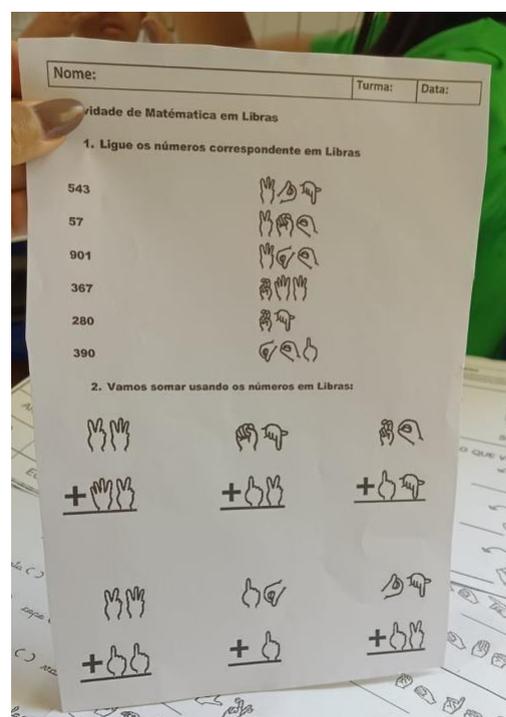
Sinalização dos Verbos



FALEIRO, Gabbie. **Verbos em LIBRAS**. Pinterest.
Disponível em: <https://br.pinterest.com>. Acesso em:
09 ago. 2024

FIGURA B

Correspondência e Adição dos Números



FALEIRO, Gabbie. **ADIÇÃO EM LIBRAS**. Pinterest.
Disponível em: <https://br.pinterest.com>. Acesso em:
09 ago. 2024

As atividades acima, conforme as figuras A e B, são elaboradas pela intérprete de Libras na Escola Miguel Thomáz Soares.

Nessa atividade da figura A, voltada para a Língua Portuguesa, a professora da sala regular trabalhava os verbos com os alunos com os alunos ouvintes. Já a Intérprete de Libras planejou a atividade para que o aluno surdo pudesse acompanhar a aula sem perder nenhum conteúdo.

A atividade foi retirada de um material que a intérprete de Libras pesquisa em sites gratuitos. A proposta de atividade atende a necessidade do aluno pois há o português sinalizado por imagens. Desse modo faz o aluno sentir parte de sua cultura e garante a mesma oportunidade de aprendizagem ao aluno surdo. De início, a interprete de Libras fazia a sinalização das imagens, para que o aluno surdo fizesse a sinalização dos verbos. Logo após, a intérprete de Libras falava sobre situações que poderia conjugar os verbos e o que acontece em nosso dia a dia e no dia a dia do aluno, para que despertasse no aluno surdo desenvolver sua cultura surda.

Na atividade da figura B, voltada para o ensino de Matemática, foi trabalhada a questão dos números, fazendo uma correspondência dos números na língua portuguesa aos números na língua de sinais e adição dos números. Toda a atividade era realizada e desenvolvida pela intérprete de acordo com o que se passava na sala regular.

A própria atividade propõe um recurso visual e traz a linguagem corporal que, para o surdo, traz um ponto positivo para seu processo evolutivo exercendo sua própria língua, proporcionando a comunicação mais efetiva no ambiente escolar, possibilitando que o aluno compreenda o conceito matemático de que precisa ter a língua, que o faz compreender tudo.

A esse respeito, segundo Lacerda,

Assim o trabalho do IE vai além de fazer escolhas ativas sobre o que deve traduzir, envolvendo também modos de tornar conteúdos acessíveis para o aluno, ainda que implique solicitar ao professor que reformule sua aula, pois uma tradução correta do ponto de vista linguístico nem sempre é a melhor opção educacional para propiciar o conhecimento, principalmente quando os alunos são crianças ainda em fase de aquisição da Libras. (LACERDA; 2019. P 38).

Assim, sabemos que a Intérprete de Libras também tem uma tarefa importante no espaço escolar, seu papel e modos de atuação necessitam ser bem mais compreendidos e refletidos. O Intérprete de libras não soluciona todos os problemas e nem em todas as atuações, o seu papel poderá preencher o espaço e atuação de um professor da sala regular.

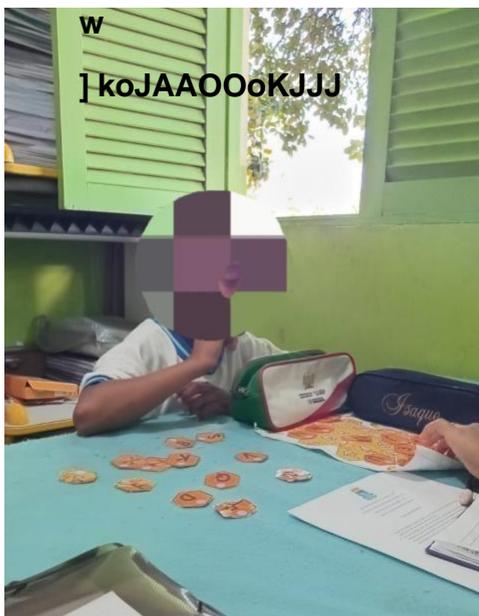
Observamos, que apenas a intérprete de Libras da escola citada anteriormente EMEF Miguel Thomáz Soares desenvolve, planeja e reflete as atividades para o aluno que ela mesma acompanha. As atividades atendem a realidade do aluno? Por meio das atividades o aluno evolui o seu processo de aprendizagem?

Essas interrogações, muitas vezes, são refletidas pelo intérprete de Libras que acompanha o aluno, que ali sentado ao lado observa o que muitos professores não conseguem enxergar sua atuação inadequada, como: a distancia que há entre professor e aluno surdo, evitando a aproximação e comunicação. A parceria entre ambos os profissionais é importante para o desenvolvimento do aluno surdo. Porém a intérprete de Libras está ocupando dois papéis: professora e intérprete.

Percebemos que ainda há equívocos e atitudes inadequadas por parte da escola e de alguns docentes, pois, em alguns espaços escolares, as crianças surdas têm adquirido uma identidade deficitária, ou seja, além de os docentes não permitirem as crianças surdas trocarem experiência com outras crianças, é lhes dada a informação apenas de que não são ouvintes, não permitindo a interação com os colegas, não permitindo uma parceria com a interprete já que a professora titular não tem o conhecimento da cultura surda. Esse fato foi observado e muitas vezes visto e ouvido, durante minha atuação como cuidadora e professora da sala de recurso.

Um dos pontos que impedem a não planejar a atividade para o aluno surdo é o pensamento de que: “ele não ouve”, “ele é deficiente, não tem condições de estar em sala”. Aí está o pensamento capacitista, que atua com exclusão, manifesta a ideia de que são menos capazes e as impossibilitam por falas e atitudes que desmerecem os mesmos.

Abaixo seguem duas Figuras C e D, na C mostra uma atividade com a exposição do alfabeto móvel, visual e relacionando a figura com a letra inicial de cada figura. Na figura D, está sendo trabalhado os animais, o aluno visualizava a imagem dos animais e junto com a intérprete ele dava o sinal de cada animal mostrado. Durante a observação dessa atividade, o aluno surdo desenvolveu bem a atividade, além de dar o sinal o aluno sinalizava por meio de uma conversa de alguns animais que se tinha no lugar onde ele mora. Nesta atividade, o aluno trabalhava apenas sua língua (L1), para poder desenvolver sua habilidade na língua de sinais.

FIGURA C.*Exposição do Alfabeto Móvel*

TAVARES, Silvania, estudante realizando atividade com as letras do alfabeto.20, ago.2024.

FIGURA D.*Jogo Educativo dos Animais*

TAVARES, Silvania, estudante realizando atividade com jogo dos animais .20, ago.2024.

A partir das figuras acima C e D, analisamos que a intérprete de libras planeja, acompanha e utiliza da criatividade para desenvolver a participação do aluno e evolução de sua aprendizagem. As atividades acima (C e D), foram realizadas em uma sala apenas para atender o aluno surdo, já que o mesmo não frequentava a sala regular.

Na figura C, a exposição do alfabeto móvel, visual era relacionando as figuras com a letra inicial. Após a exposição das letras, a tradutora intérprete apontava e perguntava qual era letra; essa parceria permite que o aluno demonstre seu próprio conhecimento, aquilo que ele já traz em si de conhecimento prévio.

Em segundo passo, a intérprete de Libras do aluno surdo interage junto com o aluno fazendo o sinal de cada letra realizando a comunicação da Libras. Em terceiro, faz a exposição de figuras como: animais, frutas e objetos; e, a partir dessa segunda exposição, o aluno irá relacionar a letra a sua respectiva figura.

Durante a observação da atividade, nota-se a autenticidade do desenvolvimento do aluno e a forma de ensinar ao aluno tal atividade, trazendo e dando importância à potencialidade que o aluno poderá atingir durante a

atividade. Entretanto, ao decorrer da atividade havia a observação da intérprete de Libras para com o aluno, havia a avaliação por meio da conversa em Libras com o aluno e, ao final de cada atividade, a intérprete de Libras avaliava a sua prática.

Na segunda figura, observamos uma segunda atividade e trabalhada novamente de forma visual e manuseável, algo importante já que o surdo necessita de imagens e objetos concretos para o processo de aprendizagem. Nesse jogo, o aluno observa as figuras dos animais aprende a escrita em Libras e faz o sinal de cada animal. Além disso, o aluno pode colocar em ordem alfabética de acordo com a letra inicial de cada animal e podendo relacionar qual animal é terrestre ou aquático. Durante a pesquisa, percebe-se uma boa relação entre o aluno e a intérprete de Libras.

A atividade bem elaborada e pensada na realidade do aluno com surdez (já que ele é da zona rural) estigava cada vez mais o aluno surdo, o objetivo da intérprete de Libras era atrair a atenção e criar um elo entre a atividade e a vida do aluno. Notamos que tal ação permitiu o aluno, aprender a Libras de forma lúdica, reconhecer e nomear os animais, e estimular a concentração e atenção. Por meio das imagens ele aprendia os sinais e a alfabetização de LIBRAS.

FIGURA E.

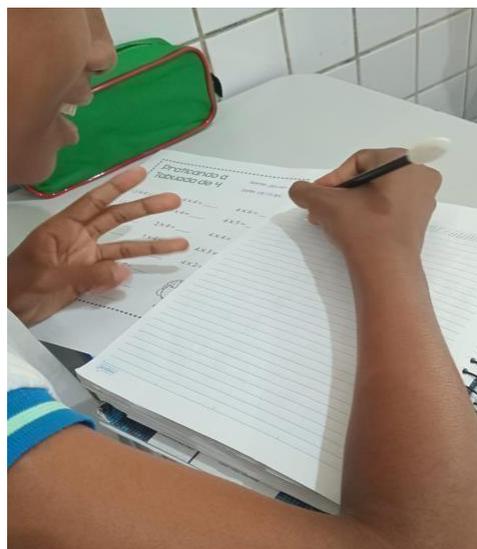
Apoio Educacional Individualizado



TAVARES, Silvania, estudante realizando atividade com auxílio da interprete de libras com .10, set.2024.

FIGURA F.

Cálculo Mental: tabuada do 4



TAVARES, Silvania, estudante realizando atividade de matemática .10, set.2024.

Por meio desses registros (figuras E e F) mostradas acima, notamos a interação entre a intérprete de libras auxiliando a atividade do aluno surdo em sala de aula em aula de Matemática.

A atividade da figura F foi elaborada pelo professor da EMEF Maria Cléia Bezerra. Nessa trazia algumas contas de multiplicação da tabuada do número 4. O professor sempre realizava atividades de acordo com seu ritmo de aprendizagem, visto que todas as atividades eram adaptadas para o aluno e pensadas naquilo que ele poderia fazer, mesmo que nem todas as tarefas fossem no mesmo nível dos demais alunos, mas, estava próxima do que estava sendo passado em sala de aula para os alunos ouvintes. O titular da sala não pensava no quantitativo de nota ou atividades que o aluno conseguisse realizar por dia, mas no desempenho e o progresso que o aluno conseguisse atingir ao final de cada atividade.

A questão da adaptação era feita pelo professor titular, a profissional de libras acompanhava o aluno para a tradução da Língua Brasileira de Sinais, sua verdadeira língua (LIBRAS) e auxiliar no que fosse necessário. Em toda aula o professor passava a atividade para o aluno surdo e a intérprete de Libras auxiliava, enquanto o aluno realizava a atividade o professor seguia a aula para os demais alunos ouvintes.

Desde as demais atividades vistas acima, a figura F e G é a única que vimos a atuação do professor na adaptação de atividades. Notamos que a comunicação ocorria apenas com o professor e a Intérprete de Libras, sentia essa dificuldade, mas não via impedimento para enxergar a capacidade de o aluno realizar as atividades que fossem adaptadas.

Ao final de cada aula, havia o relato da profissional de Libras de como tinha sido a realização da atividade, se o aluno conseguiu, sentiu dificuldade ou se a atividade foi compreendida por ele. Existia uma parceria entre professor e intérprete de Libras para que o aluno progredisse da melhor forma. Desse modo, a profissional intérprete de Libras auxiliava o aluno surdo nas suas atividades em geral em sala de aula, dando apoio necessário para realização de cada adaptação pedagógica realizada pelo professor.

FIGURA G*Inclusão em Sala de Aula*

TAVARES, Sylvania, estudante retirando atividade do quadro.10, set.2024.

FIGURA H*Rotina na Sala de Aula de Ensino Fundamental*

TAVARES, Sylvania, professora explicando atividade de português .10, set.2024.

Nas figuras acima, em especial na figura G, mostramos a aluna de camisa branca sentada de costas, retirando a atividade do quadro podemos ver nas duas imagens ao lado, a professora aplica na lousa branca e fala em um pequeno microfone de mão para atrair a atenção dos alunos ouvintes.

Nesse dia de registro, a professora dava aula de Português sobre rimas. A aluna não compreendia o que estava acontecendo, mas mesmo assim, copiava.

Nesse primeiro encontro de observação, pudemos dialogar um pouco com a professora, diante da conversa, ouvimos que a professora sente dificuldade de aplicar e adaptar atividades. Dessa forma, a intérprete de Libras se encarrega desta parte de dar assistência para a realização das atividades.

Um dia após a observação, tivemos um encontro com a intérprete de Libras para sabermos como são feitas as atividades e como se dá o desenvolvimento da elaboração das atividades propostas. Ela nos relata, que a aluna surda não se sente confortável em usar sua própria língua (Libras) e nem interage com a intérprete na língua de sinais, em relação às atividades da mesma forma.

Foi difícil a aluna realizar as atividades, pois não se permitia e sentia-se reprimida diante dos demais alunos por não ser dita como normal como os demais alunos, dessa forma não se enxergava capaz de realizar as atividades como os outros colega de sala

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao momento de apresentarmos nossas reflexões conclusivas acerca de tudo que até aqui foi discutido. Visamos fazer isso não para limitar a discussão levantada durante todo o desenvolvimento desta pesquisa, mas possibilitando a oportunidade para que outros venham ser, a partir desta, desencadeadas mais discussões, mais pesquisas e comunicação entre intérpretes de LIBRAS e professores. Para melhor desenvolver uma educação inclusiva, teremos que incluir atividades adaptadas para alunos surdos, para ter uma educação mais inclusiva.

Considerando o processo da história do surdo, mais especificamente, como se dá o processo de inclusão por meio das práticas escolares para alunos surdos, levantamos um debate envolvendo os aspectos que contornam a história do surdo, o processo de inclusão no ambiente escolar, acesso de alunos surdos em escolas regulares, as propostas para os alunos surdos, enfatizando, desde então, a formação de professores, em especial a rede Municipal de ensino da cidade de Mamanguape-PB. Nesse contexto de conscientização dos professores na área educacional, motivá-los/capacitar para entender melhor o aluno surdo e compreender, que cada aluno com deficiência sempre terá uma atenção maior. Por isso, é importante ter uma capacitação para um melhor desenvolvimento pedagógico para atender os alunos com todas as deficiências.

Nesse processo de inserção de alunos surdos, buscamos refletir sobre a história do surdo, tendo em vista como foi progredindo o processo de inclusão dos surdos no ambiente escolar seus desafios, avanços até os dias atuais e a necessidade de mudanças e atitudes para sua real efetivação. Desse modo, não podemos desconsiderar que cada aluno e professor estão inseridos em realidades educacionais distintas e, por isso, estão sujeitos a enfrentar diversos desafios no processo de ensino aprendizagem.

Ao compreendermos que a real efetivação dessa perspectiva de incluir vai além sobre o que é imposto e assegurado por leis. A lei 10.436 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais e garante com um meio legal da comunicação, que repercute a proposta da educação inclusiva, tem em consideração os desafios a serem enfrentados e a necessidade de aprimoramento e atitudes para sua real

efetivação. Isso significa que tudo demanda de uma série de fatores como a qualificação da professora para proceder um ensino com inclusão do aluno surdo, organização curricular e estrutural da escola, adequando as necessidades educacionais de todos os seus alunos e, em especial, dos alunos com deficiência auditiva.

Vimos por meio dos questionários que a maioria dos professores, não estão preparados para receber os alunos surdos dentro da sala regular. Realizamos um levantamento e observamos que uma minoria de professores planeja a atividade adaptada para o aluno, sendo assim a falta de preparo dos professores, a falta de formação em Libras e de recursos pedagógicos específicos dificulta a aprendizagem da língua materna e o desenvolvimento dos alunos surdos.

A falta de profissionais, capacitados na rede municipal de ensino da cidade de Mamanguape, gera a desvalorização e barreiras atitudinais para a inserção, desenvolvimento do aluno surdo e pouco conhecimento sobre a identidade, a cultura surda e a língua de sinais. Políticas educacionais, formação continuada e saber LIBRAS permite que o professor contribua e entenda as necessidades do aluno entorno da educação mais humanizada e inclusiva.

Quanto às atividades mostradas no capítulo 5 (figuras A,B,C,D,E,F,G e H) observamos que a maior parte delas são planejadas pelas intérpretes de Libras, Desse modo, o planejar das intérpretes de Libras há um olhar reflexivo e atende a necessidade e limitações do aluno com surdez, isso é possível pela bagagem de conhecimento que elas trazem em si, busca de cursos, especializações e estudo para fomentar o lado profissional. Mesmo assim, não cabe ao intérprete de Libras preparar as atividades para os alunos, sua função é facilitar, traduzir e interpretar o conteúdo preparado pelo professor para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), facilitar a comunicação entre o aluno surdo e o professor e possibilitar que o aluno surdo participe das atividades da sala de aula. Sabemos que o intérprete de Libras é um profissional fundamental para a inclusão do aluno surdo na sala de aula regular, pois é dessa forma que a inclusão pode ser efetiva e a comunidade escolar se envolva.

A atuação das intérpretes de Libras é essencial para o desenvolvimento do aluno surdo, um ponto positivo é que ambas participam do planejamento pedagógico dos professores uma vez ao mes nas escolas de atuação, orientam os professores quando há uma boa parceria e dão dicas de meios diferenciados de

ensino para o aluno surdo (quando se há uma boa comunicação e interesse do professor da sala).

Salientamos que as discussões e análises apresentadas na presente pesquisa nos levam a perceber a atuação do professor crítico-reflexivo, seja a partir de sua formação inicial, formação continuada ou de sua própria prática pedagógica, podem abrir caminhos para quebra de barreiras e haver de fato a inclusão educacional. Para tal, deve haver reconhecimento de outras culturas, de novos aprendizados ao longo da formação contínua.

Vale ressaltar que, mesmo que se tenha um reconhecimento da importância da inclusão educacional, podemos perceber que os cursos de formação ainda deixam a desejar quando o assunto é Educação Especial e que, além disso, o número de estudos que envolvam a temática de formação de professores precisa ser ampliado para apresentar respostas e orientações as muitas indagações dos professores que vivenciam essa realidade.

Nesse sentido, as ações e atitudes dos professores, sujeitos da pesquisa, tendem a proporcionar a possibilidade de se ter de fato uma educação inclusiva, mas é importante reconhecermos que sua efetivação não depende apenas do posicionamento político e crítico do professor, mas sim de um amplo conjunto de ações e atitudes de todos os profissionais que compõem o âmbito escolar.

Nosso ponto de vista é que a presente pesquisa tenha apresentado contribuições para as discussões sobre o tema e sirva de estímulo e incentivo para outros estudos. Como resultado central, destacamos a importância de reconhecermos o trabalho desenvolvido pelas intérpretes de Libras que fizeram parte da nossa pesquisa.

Como, a reflexão sobre a inclusão dos alunos surdos na sala regular, a preparação das atividades bem elaboradas para a necessidade do aluno surdo, a atualização sobre a linguagem, suas evoluções e as novidades da área, a facilitação da comunicação entre o aluno surdo e os alunos ouvintes no ambiente escolar e a flexibilidade que as intérpretes realizavam para que houvesse uma interação entre professor e aluno surdo em sala.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB- Lei nº 9. 394, de 1996).

BRASIL. Decreto nº 5.626/05, que regulamenta a Lei de Libras nº 10. 436/02.

CCAIE- Centro de Ciências Aplicadas e Educação, UFPB campus IV- Rio Tinto e Mamanguape 2017. Disponível em: <https://www.ccae.ufpb.br/ccae/contents/menu/ccae-1/institucional#:~:text=Um%20pouco%20da%20hist%C3%B3ria%20da,IV%20foi%20criado%20pelo%20CONSUNI>. Acesso em : 20 Abr 2025.

FUNAD. Disponível em: <https://funad.pb.gov.br/a-funad#:~:text=A%20QUEM%20ATENDE?,pessoas%20com%20altas%20habilidades/superdota%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em> 21 abr 2025.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. – 9. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2009, p 38.

LACERDA, Cristina Broglia, A Inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre essa experiencia. Ed, CEDES São Paulo, 2006.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP. 2014.

MORI, Nerli Nonato Riberio, SANDER, Ricardo Ernani. A História da Educação dos Surdos no Brasil. 2015. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/punginfile.php/3120077/mod_folder/content/0/SANDER%3B%20MORI%2C%202015.doc?forcedownload=1Acesso em: Dez 2024.

QUADROS, Ronice, Educação de Surdos, a aquisição da linguagem. Porto Alegre- Artmed, 1995.

QUADROS, Ronice Muller de. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. 1. Eed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997. 126 p. ISBN 85-7307-265-2.

RELÁTORIO PROLICEN. João Pessoa: UFPB, 2015 (não publicado).

SANTOS, Boaventura, **A Crítica da Razão Indolente**: contra o desperdício da experiencia. São Paulo: Editora Cortez, 1999.

SKILIAR, Carlos (Org), **Atualidade da Educação Bilingue para Surdos:** processos e projetos pedagógicos. São Paulo, Editora: Mediação, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Libras em todas as mãos. Extra Muros, João Pessoa, ano 1, n. 8, 08 jun. 2018. Disponível em: <https://plone.ufpb.br/extramuros/contents/jornal/8-edicao/manchete/libras-no-vale>. Acesso em: 20 abr 2025.

APÊNDICES

Apêndice A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) Senhor (a),

Esta pesquisa é sobre Trabalho de Conclusão de Curso e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Silvania da Silva Tavares, aluna do Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da professora Sônia Maria Cândido da Silva.

A pesquisa tem como objetivo geral a observação das atividades proposta para os alunos surdos. Pretendemos através desta pesquisa responder a tais questões propostas e assim compreender o que os docentes estão fazendo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor (a) não será obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá nenhum problema.

O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Contato com o pesquisador (a) responsável: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Participante da Pesquisa

Apêndice B- Questões para as intérpretes de Libras atuantes em sala de aula regular (Relato de Experiencia)

- A partir das perguntas abaixo, responda em forma de texto. As questões abaixo são apenas um norte para facilitar a escrita do texto:
- Em sua concepção, como você vê a inclusão dos alunos surdos em sala de aula e no ambiente escolar?
- As propostas de atividades são de acordo as necessidades dos alunos?
- De que forma você contribui para a inclusão do aluno (além de interpretar)?
- Como se dá a relação do professor e o aluno, professor e intérprete?

Apêndice C- Questões para a Coordenadora da Educação Especial de Mamanguape

1. Em que ano mais ou menos deu início ao processo de inserção dos alunos surdos no município de Mamanguape?
2. Qual era o quantitativo de alunos surdos?
3. Os alunos participavam da sala regular? Se sim, de que modo? Se não, por quê?
4. Como era pensado a Educação de surdos?
5. Diante a sua atuação há um tempo no processo de educação de surdos. Gostaria de que de modo geral descrevesse um pouco do antes e do agora com relação a evolução das propostas de atividades para estes alunos.

Apêndice D- Questões para o (a) professor (a)

1. Quantos alunos surdos há na sala de aula? Ano e ensino do aluno?

2. Há alguma dificuldade relacionada ao ensinar o aluno surdo? Qual?

3. Quais as propostas de atividades para o aluno?

4. O aluno consegue desenvolver bem as atividades?

5. De modo geral, qual a sua visão sobre a inclusão desses alunos surdos no ensino regular? E o que deveria ser melhorado para evolução do aluno?

Apêndice E- imagens da frente das escolas entrevistadas



*EMEF. Prof. Adailton Coelho Costa.
Localizada no bairro Gurguri.*



*EMEF. Comunidade da Pedra.
Localizada na zona rural- sítio Pedra.*



*EMEF. Maria Cléa Bezerra. Localizada
no bairro planalto.*



*EMEF. Miguel Tomaz Soares.
Localizada no bairro planalto.*